

GÊNERO DISCURSIVO AULA: REDE DE METÁFORAS QUE PERMEIAM O DISCURSO DOCENTE

Luiz Henrique Santos de Andrade (UEPB)
luizao_andrade2008@hotmail.com

Introdução

Este trabalho apresenta parte dos resultados de uma pesquisa de mestrado que objetivou fazer o levantamento e a descrição das expressões linguísticas metafóricas atualizadoras de metáforas conceptuais no gênero discursivo aula. O pressuposto teórico que norteia esta pesquisa é a Teoria da Metáfora Conceptual estudada por Lakoff e Johnson (2002[1980]), Kövecses (2002), Espíndola (2008), Barcelona (2003), Grady (1997). A metáfora foi tratada por muitos anos como uma mera questão da linguagem extraordinária, mas após os estudos empreendidos por Lakoff e Johnson (1980), observamos uma marcante mudança paradigmática, uma vez que essa passa a ser vista como um aparato cognitivo.

1. A Teoria da Metáfora Conceptual

Com a publicação da obra *Metaphors we live by*, em 1980, Lakoff e Johnson provocaram uma revolução nas pesquisas sobre a metáfora. Eles passaram a considerar a metáfora não mais como um fenômeno puramente linguístico, e afirmam que ela faz parte da experiência cotidiana e do fluxo da imaginação simbólica. Nessa nova perspectiva, a metáfora deixa de ser vista apenas como uma simples figura de retórica, para ser encarada, de fato, como uma operação cognitiva fundamental.

It is crucial to recognize that questions about the nature of meaning, conceptualization, reasoning, and language are questions requiring empirical study; they cannot be answered adequately by mere a priori philosophizing. The nature of metaphor also is not a matter of definition; it is a question of the nature of cognition.¹ (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 246)

É inegável que a obra de Lakoff e Johnson foi um divisor de águas nos estudos relacionados à metáfora de uma forma geral. Observa-se uma virada cognitiva, uma vez que a metáfora é trazida para o centro da Linguística Cognitiva, deixando de ser focalizada como uma simples figura de retórica.

Nós descobrimos, ao contrário, que a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 45)

¹ É crucial reconhecer que as questões sobre a natureza do significado, conceptualização, raciocínio, e linguagem são questões que exigem estudos empíricos; não podem ser respondidas adequadamente *a priori* filosofando. A natureza da metáfora também não é uma questão de definição; é uma questão da natureza da cognição. (Tradução nossa)

De acordo com Lakoff e Johnson (2002 [1980]), nosso sistema conceptual não é algo de que geralmente temos plena consciência. Na maioria das pequenas coisas que fazemos/executamos no nosso cotidiano, podemos constatar que nós simplesmente pensamos e agimos de forma quase automatizada.

A seguir, discorreremos sobre a classificação da metáfora conceptual proposta por Lakoff e Johnson em 1980: as orientacionais, as ontológicas e as estruturais. Utilizando exemplos cristalizados na literatura da metáfora conceptual, ilustraremos como essas metáforas estão presentes no nosso dia a dia através de manifestações linguístico-discursivas.

As metáforas **orientacionais**, conforme a classificação proposta por Lakoff e Johnson (2002 [1980]), organizam todo um sistema de conceitos em relação a um outro, uma vez que a maioria dessas metáforas tem a ver com a orientação espacial do tipo: para cima – para baixo, dentro – fora, frente – trás, fundo – raso, e assim por diante. Essas orientações espaciais são reflexos do fato de possuímos um corpo e da maneira pela qual esse corpo funciona no ambiente físico em que vivemos.

Essas orientações metafóricas, além de terem uma base em nossa experiência física, também possuem uma base cultural. As combinações binárias opostas, dentro-fora, central-periférico e para cima-para baixo, são físicas em sua natureza, mas as metáforas orientacionais baseadas nessas oposições podem variar de uma cultura para outra (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 60).

Algumas metáforas de espacialização foram estudadas exaustivamente pelo pesquisador William Nagy em 1974 e, por motivos meramente convencionais, as metáforas conceptuais foram grafadas em caixa-alta.

FELIZ É PARA CIMA; TRISTE É PARA BAIXO

⇒ Pedro está se sentindo *para cima* hoje.

⇒ A entrada de Pedro no mercado de trabalho *levantou* seu moral.

⇒ Maria está mesmo *para baixo* esses dias.

⇒ Maria *caiu* em depressão.

Através desses exemplos, observa-se que as metáforas orientacionais podem estar enraizadas em nossas experiências físicas e, em muitos casos, são reflexos de nossa cultura, logo elas não são construídas/estruturadas de forma aleatória. Por exemplo, na metáfora FELIZ É PARA CIMA e TRISTE É PARA BAIXO, percebe-se que postura caída corresponde à tristeza e/ou depressão, já postura ereta está associada a um estado emocional positivo.

De acordo com Lakoff e Johnson (2002 [1980]), a variedade de metáforas **ontológicas** que usamos com diferentes propósitos é muito grande. Assim como as metáforas orientacionais, a maior parte das expressões linguísticas metafóricas que atualizam as metáforas ontológicas não é percebida como veiculando uma metáfora. As metáforas ontológicas servem a uma variedade de objetivos, como referir-se, quantificar, identificar aspectos e causas, traçar objetivos, motivar ações, e assim por diante.

A seguir, ilustramos as formas como essas metáforas ontológicas são manifestadas em expressões linguísticas, a partir da metáfora MENTE É UMA ENTIDADE, que circunda/permeia a nossa cultura.

MENTE É UMA MÁQUINA

⇒ A mente de Maria não está *funcionando* hoje.

⇒ Pedro está *remoendo* a solução para aquela equação.

A seguir, abordamos a maneira pela qual os teóricos Lakoff e Johnson definem a metáfora **estrutural**:

As metáforas estruturais permitem-nos fazer mais do que simplesmente orientar conceitos, referirmo-nos a eles, quantificá-los etc., como fazemos com as metáforas ontológicas e orientacionais; somado a tudo isso, elas nos permitem usar um conceito detalhadamente estruturado e delineado de maneira clara para estruturar um outro conceito. (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 134)

Diante da citação, pode-se afirmar que as metáforas estruturais são fundamentadas em relações sistematizadas a partir das nossas experiências. Lakoff e Johnson (2002 [1980]) demonstram que a noção de 'ideia' pode ser conceptualizada como recursos, como instrumento cortante, como moda etc. A seguir, ilustramos algumas formas de como as metáforas estruturais são manifestadas em expressões linguísticas.

IDEIAS SÃO RECURSOS

- ⇒ *Esgotamos* todas as nossas ideias.
- ⇒ Não *desperdice* seu pensamento com pequenos projetos.
- ⇒ Pedro é um homem *cheio de recursos*.

IDEIAS SÃO INSTRUMENTOS CORTANTES

- ⇒ Isso *mata* a questão.
- ⇒ Essa ideia é *incisiva*.
- ⇒ João tem uma mente *afiada*.

IDEIAS SÃO MODAS

- ⇒ A semiótica tornou-se bastante *chique*.
- ⇒ Essa ideia *saiu de moda* anos atrás.
- ⇒ Atualmente o marxismo está *em moda* na Europa ocidental.

Muito embora o domínio alvo (ideia) seja o mesmo, o mapeamento de alguns aspectos do domínio fonte para o domínio alvo será ímpar, já que a noção de 'ideia' receberá diferentes concepções, logo ideia pode ser conceptualizada ora como recursos, ora como instrumento cortante, ora como moda, podendo inclusive receber outras concepções além das elencadas acima.

2. Metáfora Primária

Nos últimos 20 anos, vários estudos têm contribuído para o aperfeiçoamento da teoria contemporânea da metáfora conceptual, e uma dessas contribuições importantes é a Hipótese da Metáfora Primária de Joseph Grady (1997).

Essa nova hipótese tenta explicar alguns pontos controversos da teoria de Lakoff e Johnson (1980), como pobreza de alguns mapeamentos, falta de base experiencial clara entre alguns domínios fonte e alvo, falta de consistência entre os mapeamentos relacionados e a circularidade na identificação da metáfora conceptual (FRANÇOZO; GIBBS; LIMA, 2001, p. 110-111).

Grady (1997) afirma que a emergência e natureza das metáforas conceptuais são geralmente baseadas em padrões metafóricos mais experienciais, denominados de metáforas primárias ou primitivas, ou seja, a metáfora primária possui base experiencial corpórea direta que serve como alicerce para a produção/geração de metáforas conceptuais.

As metáforas primárias surgem a partir de uma estreita correlação entre dimensões distintas de experiências corpóreas recorrentes e coocorrentes. Essas experiências são de tipos básicos, associadas de forma significativa com as nossas interações com o mundo e independentes das influências culturais. (LIMA; FELTES; MACEDO, 2008, p. 146)

Atualizações metafóricas tais como ‘Pedro tem fome de reconhecimento’, ‘João tem sede de poder’ e ‘Marcos tem fome de bola’ são manifestações linguísticas da metáfora primária DESEJAR É TER FOME, que ocorre simplesmente pelo fato de sempre termos fome e de ao mesmo tempo experienciarmos também o desejo de comer algo, configurando-se, dessa maneira, como uma das metáforas mais próximas das atividades corpóreas.

Lakoff e Johnson (2003) reconhecem a importante contribuição de Grady à teoria da metáfora conceptual.

A major advance in metaphor theory came in 1997 with fundamental insights by Joseph Grady. Grady showed that complex metaphors arise from primary metaphors that are directly grounded in the everyday experience that links our sensory-motor experience to the domain of our subjective judgments. For example, we have the primary conceptual metaphor AFFECTION IS WARMTH because our earlier experiences with affection correspond to the physical experience of the warmth of being held closely.² (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 254-255)

Na perspectiva tradicional da teoria contemporânea da metáfora, a compreensão de conceitos mais complexos se dá através de conceitos mais simples, e os domínios fonte e alvo são bastante similares em termos de estruturas (ambos possuem esquemas imagéticos), e a diferença entre esses domínios é estabelecida em termos de familiaridade, complexidade, consciência e abstração.

Na nova perspectiva da metáfora primária, os domínios são díspares por natureza, ou seja, um domínio é definido pelo conteúdo sensorial, o outro é uma resposta ao input sensorial (LIMA, 2006, p. 111-112).

Na teoria da hipótese da metáfora primária, conforme Lima (2006), os domínios são diferentes por natureza, em que o da experiência é mais localizado, com características muito específicas; ou seja, o domínio fonte é definido pelo conteúdo sensorial, ao passo que o domínio alvo é uma resposta ao *input* sensorial e acolhe os julgamentos e as análises desses *inputs*.

3. Análise das expressões linguísticas metafóricas

A seguir, pode-se observar, como algumas expressões linguísticas atualizam a metáfora primária CONHECER/SABER É VER, em que pode ser apresentada como resultado de uma fusão do conceito sensorial de VER com o conceito “menos concreto” CONHECER/SABER. A recorrência da metáfora CONHECER/SABER É VER, como se pode constatar, revela o que significa entrar em contato com o conhecimento para o professor.

² Um grande avanço na teoria da metáfora veio em 1997 com os *insights* fundamentais de Joseph Grady. Grady mostrou que as metáforas complexas surgem a partir de metáforas primárias que são diretamente baseadas na experiência cotidiana que liga a nossa experiência sensorio-motora ao domínio de nossos juízos subjetivos. Por exemplo, nós temos a metáfora conceptual primária AFEIÇÃO É CALOR porque as nossas experiências anteriores com afeto correspondem à experiência física de calor por nos mantermos perto/próximos. (Tradução nossa)

CONHECER/SABER É VER ou SABER É CLARIDADE (metáfora conceptual estrutural)	
Expressões Linguísticas	... <i>veja</i> que agora eu estou falando de frutos... que é um substantivo... e o alguns está acompanhando um substantivo... então... toda vez que o pronome está acompanhando um substantivo... ele é pronome adjetivo... <i>ficou mais ou menos claro ou continua escuro?</i> ... (aula 03, Professora B, p. 04)
	... <i>ficou claro ou escuro isso?</i> ... acho que não... teve gente que ainda não... sobrançelha assim meio subida né? (aula 03, Professora B, p. 03)
	... eu vou colocar aqui no exemplo a palavra <i>pra vocês verem</i> como a palavra se estrutura... (aula 04, Professora B, p. 04)

A metáfora conceptual SABER É CLARIDADE é bastante recorrente, sendo atualizada por diversas expressões linguísticas como: “eu vou colocar aqui no exemplo a palavra *pra vocês verem* como a palavra se estrutura” e “*ficou mais ou menos claro ou continua escuro?*”. Pode-se constatar também que a metáfora conceptual SABER É CLARIDADE implica outras metáforas tais como: NÃO SABER É ESCURIDÃO e CONHECER/SABER É VER, COMPREENDER É PEGAR/VER e ENTENDER É AGARRAR, formando, assim, um sistema conceptual como um todo, ou seja, uma rede/cadeia de metáforas que estão imbricadas.

Toda essa cadeia de metáforas acima pode ser denominada de metáforas primárias, pois segundo Lakoff e Johnson (2003), as metáforas primárias são baseadas diretamente nas nossas experiências cotidianas associadas com nossas experiências sensorio-motoras. Nesses recortes, pode-se verificar que *ver algo* implica *conhecer algo*, constata-se a existência de uma correlação entre a percepção visual e a tomada de consciência da informação dada.

De acordo com a classificação proposta por Lakoff e Johnson (2002 [1980]), essas atualizações metafóricas supracitadas são assinaladas como metáforas estruturais, pois o conceito de conhecer/saber é estruturado em termos do conceito de ver. É importante salientar que, para a compreensão dessa metáfora, é feito um mapeamento que envolve dois domínios conceptuais.

O domínio fonte (VER) é caracterizado por ser mais concreto, ou seja, é definido pelo conteúdo sensorial, ao passo que o domínio alvo é caracterizado como mais abstrato, em outros termos, é definido como uma resposta ao *input* sensorial. De acordo com a teoria neural, alguns aspectos do domínio fonte (VER) são mapeados parcialmente para o domínio alvo (SABER/CONHECER).

Christopher Johnson (1997), num estudo sobre a aquisição de metáforas em crianças, observa que elas aprendem metáforas primárias na base da fusão de domínios conceptuais. Johnson estudou como a metáfora CONHECER É VER acontece, demonstrando que a criança primeiramente usa “ver” literalmente, ou seja, apenas relacionado à visão. Depois há uma fase

em que *ver* e *conhecer* são fusionados³, quando a criança diz algo como “Veja o que eu derramei”, em que *ver* ocorre juntamente com *conhecer*. Só depois, de maneira mais clara, o uso metafórico de “ver” como em “veja o que eu estou dizendo” acontece. Observa-se que só após a experiência de fusão, é que a criança está apta a diferenciar os dois domínios conceptuais envolvidos (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 255).

O dicionário de língua portuguesa *Novo Aurélio Século XXI* (1999, p. 529) traz a definição de conhecimento como “apropriação do objeto pelo conhecimento, como quer que se conceba essa apropriação: como definição, como percepção clara, apreensão completa, análise etc.” Conforme as expressões linguísticas destacadas, podemos observar que entrar em contato com o conhecimento para o professor significa o aluno se apropriar das noções que estão sendo trabalhadas em sala de aula, fazer com que o aluno possa ter acesso a determinados conceitos que lhes sejam úteis posteriormente, é além de tudo trazer o aluno para a claridade, ou seja, pressupõe-se que o aluno esteja em uma zona meio escura e o professor quer trazê-lo para a claridade; diante disso, é possível afirmar que o desconhecido está para a escuridão assim como o conhecido está para a claridade.

No quadro abaixo, destacamos a recorrência da metáfora conceptual ESTAR ATENTO É ESTAR LIGADO, atualizada por diversas expressões linguísticas e que revela um dos pré-requisitos para se chegar ao conhecimento.

ESTAR ATENTO É ESTAR LIGADO (metáfora conceptual estrutural)	
Expressões Linguísticas	... já?... todo mundo aí?... <i>se liguem aí</i> ... vamos lá... no último do h... logo embaixo aí tem aí algumas palavras... (aula 01, Professora A, p. 02)
	...renata querida vamos <i>ficar ligada</i> na aula né?... (aula 05, Professora B, p. 01)
	...estão lembrando né? <i>as lamparinas estão acesas né?</i> ... (aula 05, Professora B, p. 02)

As expressões linguísticas “*se liguem aí*”, “*vamos ficar ligada na aula né?*” e “*as lamparinas estão acesas né?*” são atualizações da metáfora conceptual ESTAR ATENTO É ESTAR LIGADO, configurando-se como uma metáfora estrutural, que tem por base nossa experiência física e cultural. Conforme os estudos feitos e postulados por Lakoff & Johnson, postura caída corresponde à falta de atenção (ESTAR DESATENTO É ESTAR DESLIGADO) e postura ereta corresponde a um estado emocional positivo e/ou de atenção (ESTAR ATENTO É ESTAR LIGADO).

A expressão linguística “*as lamparinas estão acesas né?*”, além de ser uma forma indireta de perguntar se os alunos estão atentos/conscientes ao que ela está explicando, também remete e atualiza a metáfora conceptual MENTE/ATENÇÃO É UMA MÁQUINA. Nesse caso, o

³ Termo que origina da palavra inglesa “conflated”; expressão utilizada no processo que funde duas expressões diferentes.

termo “acesas” remete a uma máquina em pleno funcionamento, ou seja, é feito o mapeamento envolvendo dois domínios conceptuais, em que alguns aspectos do domínio fonte (MÁQUINA) são mapeados, parcialmente, para o domínio alvo (MENTE/ATENÇÃO), pois se todos os elementos do domínio fonte fossem mapeados para o domínio alvo, mente/atenção seria, de fato, máquina e não entendida como uma coisa em termos de outra.

As metáforas ESTAR ATENTO É ESTAR LIGADO e INTELIGENTE É PARA CIMA revelam que, para se chegar ao conhecimento, são necessários alguns pré-requisitos como ser inteligente e estar atento/ligado ao que o professor está explicando em sala de aula; caso contrário, o aluno não chegará ao conhecimento que o professor deseja.

No quadro a seguir, destacamos as metáforas INTELIGENTE É PARA CIMA e EVOLUIR É PARA CIMA, atualizadas por algumas expressões linguísticas, que revelam outro pré-requisito para se ‘obter’ o conhecimento.

INTELIGENTE É PARA CIMA ou EVOLUIR É PARA CIMA (metáfora conceptual orientacional)	
Expressões Linguísticas	...muito bem jaqueline... tá ficando inteligente... a inteligência da gente... ((risos)) <i>a inteligência</i> Jaqueline <i>é uma evolução</i> gatinha... <i>vai subindo, subindo, subindo</i> ... a gente nunca tá pronto...você tá me entendendo né? (aula 08, Professor C, p. 03)
	...por exemplo... minha mãe é craque em datilografia mas eu não sou... e ela disse “eu fiz o curso eu era a melhor da sala em datilografia” e hoje ela sofre para digitar no teclado de computador... ou seja... veja só... <i>se eu não estiver em plena evolução eu paro né?</i> (aula 08, Professor C, p. 04)

A expressão linguística “*a inteligência* Jaqueline *é uma evolução* gatinha... *vai subindo, subindo, subindo*” é atualizadora da metáfora conceptual INTELIGENTE É PARA CIMA, configurando-se como uma metáfora orientacional, que tem por base nossa experiência orientacional (espaço), conforme a classificação proposta por Lakoff e Johnson (2002 [1980]). Observa-se que a inteligência é uma das características da capacidade humana e, como é uma atividade racional, coloca os seres humanos acima dos outros animais, uma vez que o homem é o único animal dotado de razão. É interessante também percebermos que o Professor C conceptualiza a inteligência como algo que vai se expandindo e se ampliando.

Já a expressão linguística “*se eu não estiver em plena evolução eu paro né?*” atualiza a metáfora conceptual EVOLUIR É PARA CIMA, caracterizando-se como uma metáfora orientacional que também possui por base nossas experiências físicas e culturais, de acordo com Lakoff e Johnson (2002 [1980]). À medida que o tempo passa e se vai vivendo e experienciando as coisas, vamos juntando e obtendo cada vez mais experiências em nossas vidas, em todos os aspectos. Portanto, se não conseguimos acompanhar de forma bastante eficaz os avanços que o mundo nos fornece, ficamos estagnados no tempo e no espaço, sem progredir.

Na quadro abaixo, destacamos a recorrência da metáfora AULA É UMA VIAGEM, que revela o caminho/meio pelo qual se pode chegar ao conhecimento e como o professor define e entende uma aula.

AULA É UMA VIAGEM (metáfora conceptual estrutural)	
Expressões Linguísticas	...bom dia carolina <i>você chegou e o trem tá andando...</i> você vai entrar assim?... nós já estamos no quarto bimestre e não tem o quinto... (aula 03, Professora B, p. 01)
	... <i>vamos partir aqui para onde eu quero chegar...</i> vejam eu vou colocar aqui outro exemplo... quando eu digo casa... casa é uma palavra primitiva não é verdade? (aula 06, Professora B, p. 02)
	... <i>olhe</i> a gente falou dos pronomes que são indefinidos pessoais interrogativos... <i>tá acompanhando leonardo?</i> (aula 03, Professora B, p. 02)

As expressões linguísticas “você chegou e o trem tá andando” e “vamos partir aqui para onde eu quero chegar” são atualizações da metáfora conceptual AULA É UMA VIAGEM, configurando-se como uma metáfora estrutural, de acordo com a classificação de Lakoff e Johnson (2002 [1980]). Na expressão “você chegou e o trem tá andando”, observa-se que a aula é entendida como um veículo, ou seja, um trem. Já a partir da segunda expressão linguística “vamos partir aqui para onde eu quero chegar” pode-se depreender em outra metáfora conceptual: AULA COMO PROPÓSITO/DESTINO.

Observamos a existência de dois domínios conceptuais para a compreensão das expressões linguísticas metafóricas supracitadas, em que alguns aspectos do domínio fonte (VIAGEM) são mapeados para o domínio alvo (AULA) de maneira parcial, pois, se todos os elementos do domínio fonte fossem mapeados para o domínio alvo, a aula seria, de fato, um veículo, e não entendida como uma coisa em termos de outra.

Percebe-se também que, na expressão linguística “olhe a gente falou dos pronomes que são indefinidos pessoais interrogativos... tá acompanhando Leonardo?”, o professor solicita a atenção dos alunos para que eles possam lembrar o conteúdo que foi explicado na aula anterior, e a expressão linguística “tá acompanhando Leonardo?” é uma atualização da metáfora conceptual COMPREENDER É CAMINHAR ACOMPANHADO COM UM GUIA, em que o professor é concebido como um condutor, enquanto que os alunos são percebidos como passageiros. Com um maior grau de abstração, podemos também levantar a metáfora conceptual APRENDIZAGEM/CONHECIMENTO/AULA É UMA VIAGEM.

O dicionário de língua portuguesa *Novo Aurélio Século XXI* (1999, p. 231) define aula como “explanação proferida por professor ou por autoridade competente perante um grupo de alunos ou um auditório”. De acordo com as expressões linguísticas destacadas, observamos que o professor entende a aula como um ambiente propício para que os alunos possam aprender lições e exercícios ministrados por ele.

Assim como uma viagem em que se visita e se conhecem determinados lugares, em uma aula, o professor faz com que seus alunos conheçam determinados conteúdos para que lhes sejam

úteis. Nessa viagem conduzida pelo professor (condutor), que é visto como um ser dotado de conhecimento, os alunos são aprendizes (passageiros) e só recebem as informações de forma passiva. A aula, nesse contexto, é vista tanto como uma viagem assim como um veículo utilizado para se chegar a um determinado destino (conhecimento).

Conclusão

Com base nos dados apresentados na nossa análise, podemos tecer algumas considerações que relacionamos com a hipótese que foi levantada para esta investigação. Verificamos a recorrência de expressões linguísticas metafóricas no discurso de três professores de Língua Portuguesa, corroborando, assim, a tese de Lakoff e Johnson (2002 [1980]) de que as metáforas conceptuais fazem parte da nossa vida cotidiana, assim também como do fluxo da nossa imaginação simbólica.

Pode-se observar que a metáfora conceptual CONHECER/SABER É VER é bastante recorrente em nosso *corpus*, atualizada por algumas expressões linguísticas como “*ficou claro ou escuro isso?*” e “*eu vou colocar aqui no exemplo a palavra pra vocês verem como a palavra se estrutura*”, revelando que entrar em contato com o conhecimento, para o professor, significa fazer como que o aluno possa ter acesso a determinados conteúdos que lhes sejam úteis posteriormente, e, acima de tudo, entrar em contato com o conhecimento é trazer o aluno para a clareza.

Em seguida, destaca-se a recorrência da metáfora conceptual ESTAR ATENTO É ESTAR LIGADO, atualizada por algumas expressões linguísticas como “*renata querida vamos ficar ligada na aula né?*”, “*estão lembrando né?... as lamparinas estão acesas né?*”, e a metáfora INTELIGENTE É PARA CIMA, atualizada por expressões como “*a inteligência jaqueline é uma evolução gatinha... vai subindo, subindo, subindo... a gente nunca tá pronto...*”. A presença dessas metáforas revela que, para se ‘obter’ conhecimento, são necessários pré-requisitos como ser inteligente e estar atento/ligado ao que o professor está explanando, no contexto da sala de aula.

Por fim, verificamos a recorrência da metáfora conceptual AULA É UMA VIAGEM, atualizada por algumas expressões como “*bom dia carolina você chegou e o trem tá andando... você vai entrar assim?*” e “*vamos partir aqui para onde eu quero chegar...*”, a qual revela como o professor entende e define uma aula e o caminho pelo qual se pode chegar ao conhecimento. A aula, então, é percebida como um ambiente propício para que os alunos possam entrar em contato com o conhecimento, e também é compreendida tanto como uma viagem quanto um veículo utilizado para se chegar a um determinado destino (conhecimento).

Referências

- BARCELONA, Antônio. **Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective**. New York: Mouton de Gruyter, 2003.
- ESPÍNDOLA, Lucienne. A metáfora ontológica na publicidade. In: **Revista do GELNE - Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste**. João Pessoa: Ideia, 2005.
- FARIAS, Emília M. Peixoto; MARCUSCHI, Luiz Antônio. A metáfora das cores na linguagem e no pensamento. In: PINTO, Abuência Padilha (Org.) **Tópicos em cognição e linguagem**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006.
- FELTES, Heloísa. **Semântica cognitiva e modelos culturais: perspectivas de pesquisa** (Mimeografado). Disponível em http://www.ucs.br/ucs/tpIPOSLetras/posgraduacao/strictosensu/letras/professores/heloisa_feltes/artigo.pdf. Acesso em: 27 set. 2008.

- FRANÇOSO, Edson; GIBBS, Raymond W. Jr.; LIMA, Paula Lenz Costa. Emergência e natureza da metáfora primária DESEJAR É TER FOME. In: **Cadernos de estudos linguísticos**. Vol. 40. p. 107-140, Campinas, 2001.
- GRADY, Joseph E. **Foundations of meaning: primary metaphor and primary scenes**. 299 p. Dissertation (Ph.D. in Linguistics). University of California, Berkeley, 1997.
- KÖVECSES, Zóltan. **Metaphor: a practical introduction**. New York: Oxford University Press, 2002.
- LAKOFF, George. **Women, fire, and dangerous things**. University of Chicago Press: Chicago, 1987
- _____ ; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2003.
- _____ ; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. (Coordenação da tradução Mara Sophia Zanotto) Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: EDU, 2002 [1980].
- _____ ; TURNER, Mark. **More than cool reason: a field to poetic metaphor**. Chicago: University of Chicago Press, 1989.
- LIMA, Paula Lenz Costa. About primary metaphors. In: **D.E.L.T.A.** Vol. 22, São Paulo: ed. Especial, 2006.
- _____ ; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes & MACEDO, Ana Cristina Pelosi. Cognição e metáfora: a teoria da metáfora conceptual. In: MACEDO, Ana Cristina Pelosi de; FELTES Heloísa Pedroso de Moraes & FARIAS, Emília Maria Peixoto. (Orgs.) **Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos**. Caxias do Sul, RS: Educ; Porto Alegre: Edipucrs. p. 127-165, 2008.
- MACEDO, Ana Cristina Pelosi de & BUSSONS, A. (Orgs.) **Faces da metáfora**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006.
- _____ ; FELTES Heloísa Pedroso de Moraes & FARIAS, Emília Maria Peixoto. (Orgs.) **Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos**. Caxias do Sul, RS: Educ; Porto Alegre: Edipucrs, 2008.
- MIRANDA, Neusa Salim; NAME, Maria Cristina. (Org.) **Linguística e Cognição**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- ORTONY, A. (Org.) **Metaphor and thought**. Nova York: Cambridge University Press, 1993.
- REDDY, Michael. The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, A. (Org.) **Metaphor and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 284-324, 1979.
- VEREZA, Solange Coelho. **Literalmente falando: sentido literal e metáfora na metalinguagem**. Niterói: EdUFF, 2007.
- ZANOTTO, Mara Sophia; NARDI, Maria Isabel Asperti e VEREZA, Solange Coelho. Essays on metaphor in language and thought. In: **DELTA** [online]. Vol.22, São Paulo, 2006.